

A RECEPÇÃO PARCIAL DE NIETZSCHE NA FILOSOFIA DE HENRI BERGSON: O CONCEITO DE CRIAÇÃO, NO QUE TANGE À VIDA E À ARTE

NIETZSCHE'S PARTIAL RECEPTION IN HENRI BERGSON'S PHILOSOPHY: THE CONCEPT OF CREATION, WITH REGARD TO LIFE AND ART

Edenilson Roberto Pinto¹

Resumo: O objetivo deste artigo fundamenta-se na proposta de examinar a recepção histórica da filosofia de Nietzsche, partindo da análise de textos do filósofo alemão sobre o conceito de criação na “vida” e na “arte” e, conseqüentemente, estabelecer pontos de convergência entre a filosofia bergsoniana da “duração” – *durée* – pensada como criação, quer dizer, como movimento contínuo que traz o passado e gera o futuro no presente, manifestando-se como um “jorro ininterrupto de novidade”².

Palavras-Chave: Criação. Arte. Vida. Recepção. Evolução. Duração.

Abstract: the objective of this article is based on the proposal to examine the historical reception of nietzsche's philosophy, starting from the analysis of texts by the german philosopher on the concept of creation in “life” and in “art” and, consequently, establishing points of convergence between the bergsonian philosophy of “duration” - *durée* - thought of as creation, that is, as a continuous movement that brings the past and generates the future in the present, manifesting itself as an “uninterrupted stream of novelty”.

Keywords: Creation. Art. Life. Reception. Evolution. Duration.

Introdução

Para estabelecer pontos de convergência entre a filosofia de Nietzsche e a filosofia de Henri Bergson, no que diz respeito ao conceito de criação na vida e na arte, enfatizando, por conseguinte, os conceitos de “vontade criadora”, “vontade de potência”, “vontade de poder” em Nietzsche e de “criação” em Henri Bergson, como possibilidade de recepção parcial. Recepção no sentido de apropriação, objetivações e de separação, modificação, transformação da filosofia nietzschiana.

Mudança no interior mesmo do conceito de “criação”, recebido, objetivado e, para não dizer radicalmente transformado, pelo filósofo francês Henri Bergson. Para diagnosticarmos esse processo empregaremos a metodologia proposta pela filósofa

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo – Unifesp. E-mail: eden.pinto@yahoo.fr

² *Essai sur les données immédiates de la conscience*. Presses Universitaires de France, 43^o Ed. Paris, 1944.

Agnes Heller³, concernente à sistematização dos tipos de receptores da filosofia. Abordaremos sob o prisma da recepção parcial nestes dois filósofos, tendo em vista que a recepção parcial, já assinalado, requer separação, superação e transformação das objetivações filosóficas: “As objetivações filosóficas incitam o receptor a refletir sobre o modo como deve pensar, como deve agir, como deve viver. No interior do edifício filosófico, esses três momentos são unidos e inseparáveis; na recepção, ao contrário, é possível a sua relativa separação. E, indubitavelmente, a recepção da filosofia é tão múltipla quanto o número de receptores”⁴.

Postulamos, a priori, a autenticidade dos pensamentos de Nietzsche quanto de Bergson, como filosofias autênticas, inauditas e não plagiadas. Henri Bergson não apropria do conceito de “vontade criadora” (vontade de potência), como espécie de plagiário, mas o recebe (o conceito nietzschiano) e o transforma, como “meio para produzir um outro efeito”⁵, segundo a originalidade bergsoniana, criando uma nova forma de vida, uma coerente e originária concepção de mundo. Concepção esta pautada pela conexão lógica de conceitos próprios e inovadores, caracterizando, progressivamente, o universo filosófico de Bergson na forma de “pensar”, “agir” e “viver”. Agnes Heller dirá: “Na filosofia, há sempre uma forma de vida e, portanto, uma concepção do mundo que deve ser transformada numa conexão lógica de conceitos. Por isso, é evidente que – através da apropriação da forma do receptor – a obra pode se tornar forma de vida, experiência vivida, concepção do mundo”⁶. Esta tríade filosófica (pensar – teoria do conhecimento / agir – política / viver – estética e moral), segundo Agnes Heller, “compreendem ao mesmo tempo todos os três momentos da filosofia”⁷ de um pensador autêntico.

A recepção seja completa ou parcial destina-se, essencialmente, aos filósofos autênticos e, não, segundo Agnes Heller, aos “filósofos especialistas” que “não tem uma filosofia, embora conheça todas elas, mas as conhece exclusivamente em relação ao seu saber particular. Não tendo nenhuma filosofia, não pode nem mesmo elaborar uma forma de vida, nem dele se pode exigir nenhuma unidade entre pensamento e comportamento”⁸. Dito isso, diferente será o caso dos dois filósofos em questão: Nietzsche e Bergson entram

³ Agnes Heller. *A Filosofia Radical*. Editora Brasiliense, 1978.

⁴ *Ibid.* p. 33.

⁵ *Ibid.* p. 35.

⁶ *Ibid.* p. 37-38.

⁷ *Ibid.* p. 35.

⁸ *Ibid.* p. 34.

nas páginas da história da Filosofia, como pensadores autênticos. E, ambos, postularão objetivar “ao mesmo tempo todos os três momentos da filosofia (reflete como deves pensar, agir e viver)”⁹.

De antemão, descartamos uma recepção completa de Nietzsche na filosofia de Henri Bergson. Perscrutaremos uma recepção parcial do “tipo receptor filosófico propriamente dito”, no que tange à relação vida e arte, pensada por Bergson através do conceito de “criação”. Os pontos de convergências entre a noção nietzschiana de “vontade de potência” e a noção bergsoniana de “criação” se aproximam devido ao contexto histórico e cultural que ligam esses dois filósofos, já que “a filosofia é componente da cultura. Ela se apropria dela, conscientemente, como parte orgânica da cultura humana”¹⁰. Feita essa ressalva, tanto Nietzsche quanto Bergson compreendem, ou apreendem, a vida em todos os seus ângulos e facetas, determinando o seu caráter complexo e singular, porém, tais filósofos propõem uma profunda mutação de sentido no paradigma conceitual de vida. Paradigma esse predominantemente difundido na Filosofia dos séculos XIX e XX.

Neste contexto cultural e histórico da filosofia moderna, tanto Nietzsche quanto Bergson combaterão severamente a Filosofia positivista e racionalista, pautada na concepção matemática do ser, uma metafísica do estável e do permanente, uma concepção essencialista e intelectualista do real. Tais correntes filosóficas causavam, por assim dizer, um grande obstáculo para se pensar o real sem levar em conta a dimensão, o movimento, o fluxo, o élan criador, isto é, a “potência” eminentemente plástica, evolutiva e criadora da existência. Por isso, a noção de criação, tanto para Nietzsche quanto para Bergson, será central. E será a partir deste contexto histórico-filosófico que julgamos oportuno e pertinente estabelecer um confronto conceitual entre os dois filósofos, no que diz respeito à recepção parcial da compreensão de criação de uma filosofia à outra: “A recepção filosófica de uma filosofia funda-se na compreensão (Verstehen)... é verdade que o receptor só pode compreender a filosofia, sempre, com base nos problemas e nas experiências vividas que decorrem de seu próprio mundo e têm uma relação com ele”¹¹.

Segundo Agnes Heller, “toda compreensão é um mal-entendido... e o receptor filosófico sempre se objetiva; e essa objetivação se funda sobre a mediação compreensiva/mal entendedora entre o sistema filosófico escolhido e o presente

⁹ Ibid. p. 35.

¹⁰ Ibid. p. 37.

¹¹ Ibid. p. 38.

concretamente determinado. A objetivação ocorre nas mais diversas formas: através do ensino, da correspondência ou da publicação. Também a mediação é possível sob mais de uma forma: como aplicação, preenchimento de lacunas, apologia em face crítica e mobilização de novos argumentos no curso da apologia”¹². E o mal-entendido na recepção de um sistema filosófico tem uma outra função: de não levar a uma interpretação errônea, mas sim de “uma nova filosofia, a um novo sistema filosófico”¹³.

Eis o caso particular de Nietzsche quando tentamos compreender o conceito de “vontade de poder”. Para a compreensão desse conceito nas obras de Nietzsche temos que compreender, consecutivamente, o conceito de “vontade” em Schopenhauer. Nietzsche recebe tal conceito e o desapropria, no interior de seu pensamento, transformando-o completamente. O conceito de “vontade” em Schopenhauer, quando recebido e reelaborado por Nietzsche, já não é mais o equivalente e originariamente o sentido dado por Schopenhauer. E sim “o início da fundação de um novo sistema filosófico”¹⁴.

Apresentemos, por hora, um exemplo para elucidar essa dinâmica de “apropriação” e “desapropriação” de um conceito filosófico, recebido por um filósofo e, radicalmente, transformado pelo “receptor filosófico propriamente dito”. O exemplo específico é o caso de Nietzsche e Schopenhauer. Grosso modo, poderíamos dizer que para Schopenhauer o mundo é representação e vontade. O mundo é representação, porque o que existe para o conhecimento é tão somente objeto em relação ao sujeito, isto é, uma intuição de quem intui. Assim, tudo o que existe no mundo está condicionado pelo sujeito. Existindo somente para ele. Nós não conhecemos a “coisa em si”. O que conhecemos é a representação do objeto, através do tempo, espaço e causalidade. Então, o papel do intelecto é de organizar o nosso conhecimento de seres conscientes.

A vontade é a coisa em si e em si. A vontade é o mundo em si e por si. O mundo em si é vontade: “A luz de toda a nossa visão, contudo, a Vontade é não apenas livre mas até mesmo todo-poderosa. Dela provém não só seu agir, mas também seu mundo. Tal qual ela é, assim aparecerá seu agir assim aparecerá seu mundo: ambos são seu autoconhecimento e nada mais. Ela determina a si e justamente por aí determina seu agir e seu mundo: estes dois são ela mesma, pois exterior à Vontade não há nada”¹⁵. A vontade

¹² Ibid. p. 39.

¹³ Ibid.

¹⁴ Ibid.

¹⁵ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo, UNESP, 2005, p. 354-355.

é cega, irracional e imutável. A vontade se manifesta no corpo e, devido a isso, a vontade é dor e sofrimento. Para buscar a felicidade devemos negar a vontade através da contemplação, através das artes e, principalmente, através da música. A vontade, em Schopenhauer, tem um caráter metafísico.

Já para Nietzsche a “vontade de poder” é a expressão da vida, da exaltação da vida, sem cunho metafísico, sem religião, sem moral e sem um princípio organizador. Para ele, a vontade de poder é enaltecimento da vida e nada mais: “Vontade fala da espontaneidade do irromper da vida, de seu livre movimento de auto exposição ou aparição. Espontaneamente, gratuitamente, a vida é acontecimento de vir à luz, fazer-se visível e, assim crescer, isto é, agravar-se intensificar-se. E isso mesmo é poder, à medida que é realização e, então, assim, impõe-se, impera, vige e vale. ‘E a força – esta força-concretizada. Vida é vontade de poder, quer dizer, desde nada, a partir de nada, movimento livre e gratuito, sem porque, sem causa de, para aparição e, então, assim, imposição, vigência – poder. Vida, enquanto e como vontade de poder, é a fala do extraordinário, do milagre que o grego experimentou como o elementar de ser-aparecer”¹⁶.

Indubitavelmente estamos diante de uma outra perspectiva, outro fundamento conceitual e cosmogônico totalmente inovador e inaudito, daquele que, anteriormente, fora proposto por Schopenhauer. Semelhante a esse processo de recepção parcial e de separação das objetivações filosóficas ocorrerá, como veremos a seguir, na recepção nietzschiana da noção “vontade de poder” no interior, no desenvolvimento e na conceptualização da noção bergsoniana de “criação”.

Nietzsche e Bergson: conceito de vida e arte

Através desse conceito de “vontade de poder”, Nietzsche percebe a vida como o produto mais elevado da natureza e reclama para ela um insistente ato criador, que cria sempre mais vida e as mais altas formas de vida. E uma das mais elevadas formas de vida é a arte: “A arte e nada como a arte! Ela é a grande possibilidade da vida, a grande sedutora para a vida, o grande estimulante da vida... A arte como única força contrária superior, em oposição a toda vontade de negação da vida... A arte como redenção de quem conhece, - daquele que vê e quer ver o caráter terrível e problemático da existência, mas antes o

16 NIETZSCHE, F. *A Vontade de Poder*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 11.

vive e quer vive-lo, do homem que é guerreiro trágico, do herói. A arte como redenção do sofredor, - como caminho para estados nos quais o sofrer é querido, transfigurado, divinizado; nos quais o sofrer é uma forma do grande arrebatamento”¹⁷.

Henri Bergson, por sua vez, ao pensar a vida como duração pura, considera a arte, também, como o mais elevado fenômeno da natureza. Outro aspecto a destacar que justifica um diálogo de recepção de Nietzsche em Bergson, é que este último, em sua análise da criação de si, na obra “O Pensamento e o movente”, também delinea a possibilidade de se construir uma vida em sentido artístico. Assim como a criação artística, a vida em geral, em especial a humana, é um fluxo de “criação contínua de imprevisível novidade, em que, a todo momento há o jorro ininterrupto de novidade”¹⁸. Ora, considerando a concepção de criação, segundo a qual a vida é conquista, superação, criação, novidade; salientamos que, tanto Nietzsche quanto Henri Bergson, partem de uma crítica direta a Herbert Spencer, cuja noção de vida ou de mundo é: “*le monde vivant évolue selon des lois purement mécaniques et physiques*”¹⁹. A vida, segundo Spencer, não comporta atividade e criatividade, mas somente determinismos, causalidades e adaptações. Essas leis mecânicas e físicas valem também para a vida psicológica dos seres humanos.

Nietzsche, na “Genealogia da Moral”, apontando para o equívoco de Herbert Spencer sobre essa teoria da vida, criticando-o por retirar ou anular totalmente da vida a atividade, escreve: “Sob a influência dessa idiosincrasia, colocou-se em primeiro plano a adaptação, ou seja, uma atividade de segunda ordem, uma reatividade; chegou-se mesmo a definir a vida como adaptação interna, cada vez mais apropriada, a circunstâncias externas (Herbert Spencer). Mas com isso se desconhece a essência da vida, a sua vontade de poder; com isso não se percebe a primazia fundamental das forças espontâneas, agressivas, expansivas, criadoras de novas formas, interpretações e direções, forças cuja ação necessariamente precede a adaptação”²⁰.

Henri Bergson, no “Ensaio sobre os dados imediatos da consciência”, critica às teorias evolucionistas e às dos utilitaristas ingleses para determinar a vida como duração, durée, e criação contínua. Entretanto, somente na obra posterior “A Evolução Criadora”²¹

¹⁷ Ibid. p. 427.

¹⁸ BERGSON, H. *O pensamento e o movente*. Trad. De Bento Prado Neto. São Paulo : Martins Fontes, 2006 (Œuvres, p. 1259).

¹⁹ *Dictionnaire d'histoire et philosophie des sciences*. Publicado sob a direção de Dominique LECOURT. Presses Universitaires de France, 1999, p. 873.

²⁰ NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Brasiliense, 1987.

²¹ BERGSON, H. *L'évolution créatrice*. 10^e édition. Quadrige. Presses Universitaires de France, 2003.

que Bergson diferenciara o tempo científico, que não dura, e o tempo da vida, sobretudo a vida psicológica, que é um constante devir, duração. E que o evolucionismo spenceriano é fictício, ilusório²².

Assim, a partir desse contexto histórico e cultural da Filosofia no período de Nietzsche e de Bergson, tentaremos aproximar os dois autores no âmbito da recepção parcial, em relação ao pensamento sobre a determinação da realidade, pelo viés das noções “vontade de poder” e “criação” na vida e na arte, como já assinalamos anteriormente. O primeiro conceito é de Nietzsche. Historicamente, o filósofo alemão antecede o filósofo francês quando relaciona a noção de “vontade de potência”, enquanto vida, tal como ele a define no parágrafo 12 da segunda dissertação da “Genealogia da Moral”²³ e no aforismo 36 de “Para além do bem e do mal”²⁴. Vontade de potência como matriz geral de todo o devir; relação conflituosa de forças que esculpe a cada instante todo o fenômeno do mundo, vivo ou não, material ou não. E, em Bergson, destacamos e aproximamos a noção de duração, como ele mesmo demonstra em “A Evolução Criadora”, dando forma, conjuntamente à vida psicológica, à vida orgânica e ao universo.

Para Nietzsche, a vida como “vontade de potência”, como jogo de forças que opera em todas as coisas, como acumulação ou desagregação da potência, e, segundo pensa Bergson, como um devir diferenciador, em tensão e distensão, em uma heterogeneidade qualitativa e não quantitativa, concluímos que a arte, no âmbito imanente da vida, une esses dois grandes filósofos que se “recebem/ recepção”, na maneira de conceber a criação artística como possibilidade (do espírito humano) de desvelar a vida como realidade infinitamente criadora, sedutora e mistagógica. Os dois filósofos, ao nosso parecer, partilham da ideia de que a essência da vida não é elucidada pela ciência, em termos de adaptação ou de conservação, mas, pela e através da arte, enquanto criação. Tanto para Nietzsche (que elabora o conceito de vida como “vontade criadora”), a partir da arte como o grande “estimulante da vida”²⁵; e para Bergson que recusa a identificação do ser ao imóvel e imutável; ser em contínuo devir, fazendo da “duração” a realidade

²² «Hoje me dou conta de que o que me atraía em Spencer era o concreto de seu espírito, o desejo de reconduzir sempre o espírito ao terreno dos fatos. Pouco a pouco, abandonei um depois do outro, todos os seus pontos de vista, e só mais tarde, em ‘A Evolução Criadora’, é quando tive plena consciência do lado fictício do evolucionismo spenceriano”. Em uma declaração a Ch. du Bos, para um Jornal de Paris datado 22-2-1922.

²³ NIETZSCHE, F. *Os Pensadores*. Obras Incompletas. Seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. Posfácio de Antônio Cândido. Editora Nova Cultural Ltda. 1996.

²⁴ *Ibid.*

²⁵ Nachlass/FP, 17 (23), KSA 13.521.

fundamental e a vida mesma das coisas. A ideia de criação, em Bergson e em Nietzsche, escapa a toda forma de apreensão intelectual, a todas as categorias de nosso pensamento.

A inteligência, segundo Bergson, é inapta a captar o que há de criação, de original, em cada momento da história e, ainda mais, rejeita toda criação, a aparição do absolutamente novo. Desta forma a inteligência científica não compreende e apreende a criação, como também não compreende a vida e tampouco a duração. E essa incompreensão é um obstáculo, já que a experiência da criação se impõe a cada um de nós, de maneira constante e ininterrupta. E para perceber essa criatividade inesgotável da criação, Bergson se lançará no universo da arte e da mística. A criação artística permanece como um exemplo privilegiado, isto é, um ato de espírito, tal como a criação do poeta.

No ato de criação, o espírito permanece excitado por uma emoção “supra intelectual”, indivisível, com a qual o criador, intensificado, coincide. Para Bergson, a criação significa, antes de tudo, emoção. A obra genial sai, frequentemente, de uma emoção única em seu gênero, de uma emoção original, nascida de uma coincidência entre seu autor e seu tema. Ela culmina com uma emoção bem específica: a alegria. Alegria metafísica sinaliza que o nosso ato está de acordo com a nossa destinação e, por tal razão, o elã vital triunfou. E em toda parte onde há alegria, há criação: “*Où il y a création, il y a la joie... plus riche est la création, plus profonde est la joie*»²⁶.

Em “As duas Fontes da Moral e da Religião”²⁷, Henri Bergson retoma o conceito da criação, mas o aborda sob o ângulo mais específico da criação humana propriamente dita. Nesta última grande obra de Bergson, há uma continuidade entre as criações da vida (da vida em geral e das criações do espírito), privilegiando o espírito do homem que se sente criador, devido ao fluxo da mística cristã na vida humana. Este fluxo do misticismo, difundido pelas grandes religiões, provoca na alma humana um profundo sentimento (emoção) de alegria: “*Joie serait en effet la simplicité de vie que propagerait dans le monde une intuition mystique diffusée, joie encore celle qui suivrait automatiquement une vision d’au-delà dans une expérience scientifique élargie*»²⁸. Nesse sentido, Henri Bergson difere, diverge e rompe completa e radicalmente do pensamento de Nietzsche. Estamos em outro registro de compreensão filosófica. Não há mais recepção parcial. Aliás, nenhuma recepção. Mas, sim, um outro fundamento epistemológico de objetivação

²⁶ Conférence Huxley, realizada na Universidade de Birmingham, no dia 29 de maio de 1911. Conferir no original: *L’Energie Spirituelle*, Presses Universitaires de France, 52 Ed. 1949, p. 1-28.

²⁷ BERGSON, H. *Les Deux Sources de la Morale et de la Religion*. Presses Universitaires de France, 33° Ed. Paris, 1941.

²⁸ *Ibid.* p. 338.

filosófica: pensar, agir e viver, segundo a filosofia bergsoniana torna-se praticamente antagônica à filosofia nietzschiana. As filosofias de Nietzsche e de Bergson, embora apresentem acentuadas semelhanças, têm também radicais diferenças.

Considerações finais

Concluimos, afirmando que estamos inevitavelmente diante de dois “extremos” (extremo da filosofia nietzschiana e o extremo da filosofia bergsoniana). Tais extremos, Agnes Heller definirá como sendo um movimento ondulatório. E tal movimento faz da filosofia uma atividade do pensamento cada vez mais vital, eficaz e necessário: “A recepção puramente filosófica da filosofia e a criação de uma nova filosofia são apenas dois extremos. Precisamente do movimento ondulatório desses dois polos, a filosofia recebe vida, vivacidade e eficácia”²⁹.

Referências

- BERGSON, H. *Essai sur les données immédiates de la conscience*. Presses Universitaires de France, 43^o Ed. Paris, 1944.
- _____. *L’Energie Spirituelle*. Presses Universitaires de France, 52 Ed. 1949.
- _____. *L’évolution créatrice*. 10^o édition. Quadrige. Presses Universitaires de France, 2003.
- _____. *Les Deux Sources de la Morale et de la Religion*. Presses Universitaires de France, 33^o Ed. Paris, 1941.
- _____. *O pensamento e o movente*. Trad. De Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006 (Œuvres, p. 1259).
- Dictionnaire d’histoire et philosophie des sciences*. Publicado sob a direção de Dominique Lecourt. Presses Universitaires de France, 1999.
- HELLER, A. *A Filosofia Radical*. Editora Brasiliense, 1978.
- NIETZSCHE, F. *A Vontade de Poder*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- _____. *Genealogia da Moral*. Trad: Paulo César de Souza. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. *Os Pensadores*. Obras Incompletas. Seleção de textos de Gérard Lebrun. Trad. e notas: de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo, UNESP, 2005.

Recebido em: 28/09/2020
Aprovado em: 22/10/2020

²⁹ Agnes Heller. *A Filosofia Radical*. Editora Brasiliense, 1978. p. 40.